

A REVOLUÇÃO RUSA 100 ANOS DEPOIS

ANTÓNIO LOUÇÃ | CONSTANTINO PIÇARRA
FERNANDO ROSAS | FRANCISCO LOUÇÃ
JOSÉ MANUEL LOPES CORDEIRO | MIGUEL PÉREZ SUARÉZ
RUI BEBIANO | THAIZ SENNA

WWW.PARSIFAL.PT
WWW.FACEBOOK.COM/EDICOESPARSIFAL

© 2017, autores e Edições Parsifal, Lda.

EDIÇÕES PARSIFAL

Av. Elias Garcia, n.º 76, 1.º F

1050-100 Lisboa

Telefone: 211 985 674

info@parsifal.pt

Autores: António Louçã, Constantino Piçarra, Fernando Rosas, Francisco Louçã,
José Manuel Lopes Cordeiro, Miguel Pérez Suárez, Rui Bebiane e Thaiz Senna

Título: *A Revolução Russa – 100 Anos Depois*

Capa: Pedro Gil

Paginação: Augusto Nunes

Revisão: Edições Parsifal, Lda.

Impressão: Caflesa, Lda.

1.ª edição: Agosto de 2017

ISBN: 978-989-8760-44-9

Depósito Legal n.º 429 559/17

Distribuição: Clube do Autor, S. A.

Av. António Augusto de Aguiar, n.º 108, 6.º andar

1050-019, Lisboa

Telefone: 214 149 300 / Fax: 214 141 721

ÍNDICE

| | |
|---|-----|
| LENINE, PRECURSOR DA OPOSIÇÃO DE ESQUERDA | |
| António Louçã | 9 |
| A REVOLUÇÃO RUSSA E A QUESTÃO AGRÁRIA | |
| Constantino Piçarra | 43 |
| GUERRA E REVOLUÇÃO NA RÚSSIA DE 1917 | |
| Fernando Rosas | 65 |
| MARX E LENINE SOBRE O TRABALHO E AS CLASSES | |
| Francisco Louçã | 87 |
| A RECEPÇÃO DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO EM PORTUGAL (1917-1920) | |
| José Manuel Lopes Cordeiro | III |
| OS SOVIETES: A FORMA POLÍTICA DA DEMOCRACIA OPERÁRIA | |
| Miguel Pérez Suaréz | 127 |
| NÃO HÁ UM OUTUBRO – PARADIGMA E VARIAÇÕES | |
| Rui Bebiano | 149 |
| QUESTÃO FEMININA, RESPOSTA GERAL: O JENOTDEL COMO METONÍMIA NA RÚSSIA REVOLUCIONÁRIA (1917-1930) | |
| Thaiz Senna | 177 |

**GUERRA E REVOLUÇÃO
NA RÚSSIA DE 1917**

FERNANDO ROSAS



FERNANDO ROSAS

Historiador português, nasceu em 1946, em Lisboa. Licenciado em Direito, mestre em História dos Séculos XIX e XX e doutor em História Económica e Social Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Foi deputado à Assembleia da República durante os VIII, X e XI Governos Constitucionais. Em 2006, foi agraciado com a Comenda da Ordem da Liberdade.

Fundou o Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, a que presidiu entre 1994 e 2013. Durante uma década, foi director da revista *História*. Coordenou inúmeros grupos de investigação e é autor de vastíssima bibliografia sobre o Estado Novo, período histórico de que é um dos mais destacados investigadores. Actualmente, é professor catedrático jubilado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

CEM ANOS DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Talvez convenha precisar, ao abordar o centenário da Revolução de Outubro de 1917 e seus possíveis significados, o ponto de vista epistemológico e metodológico de onde se parte. Isto é, a Revolução Russa deve ser abordada como fruto de um processo histórico, como fenómeno histórico emergente dos conflitos e contradições da época que a produziu, ou, ao gosto de certo publicismo marcado pelo preconceito ideológico, mesmo quando se disfarça de registo histórico, como uma espécie de anomalia conspiratória, de golpe de mão acidental e perverso, de obscura maldição que inopinadamente se abateu sobre o curso desse acidentado início do século xx? Luta social e política ou audácia golpista? História ou patologização ideológica da revolução?

É claro que dificilmente o historiador, independentemente das suas inclinações subjetivas* relativamente aos acontecimentos revolucionários, se pode colocar no campo da apreciação moralista-voluntarista. O processo revolucionário de fevereiro-outubro de 1917 na Rússia torna-se substancialmente incompreensível se não o enquadrarmos historicamente como culminância – o que não significa o termo – de uma cadeia de revoluções emancipatórias de inspiração socialista que desde meados do século xix, acompanhando o processo da Segunda Revolução Industrial e da explosão e concentração fabril

* Por vontade do autor, este texto segue o Acordo Ortográfico de 1990.

do proletariado industrial moderno, se sucedem às revoluções liberais e burguesas na Europa. A insurreição parisiense de 1848 (ano em que Marx e Engels publicam o *Manifesto Comunista*), a Comuna de Paris de 1871 e, em 1917, a Rússia de fevereiro a outubro, prelúdio da «onda vermelha» na Europa do pós-guerra. Era a natureza dos próprios movimentos revolucionários que, premonitoriamente nesse laboratório da luta de classes em França, no século XIX, começava a mudar e tinha a sua inesperada emergência nos principais centros urbanos-indústrias, nas frentes da Grande Guerra e depois nos campos longínquos da Rússia czarista.

Precisamente, o que tem de historicamente particular, a meu ver, a Revolução de Outubro de 1917?

Em primeiro lugar, vinha demonstrar, tal como previa Lenine nas suas polémicas «Teses de Abril», que as revoluções operárias e socialistas não se desencadeavam necessária e prioritariamente nos países capitalistas mais desenvolvidos, com partidos operários e organizações sindicais mais fortes – como era então entendimento geral do movimento socialista –, mas sim nos «elos mais fracos» da cadeia mundial do capitalismo, nos pontos dessa cadeia tornados mais vulneráveis, designadamente pelos efeitos da Guerra Mundial. O corrupto regime czarista, internamente apodrecido e odiado, ferido pelas derrotas militares, a braços com uma imensa crise económica, social e política potenciada pelos efeitos do conflito, era disso o exemplo. Será apeado, como adiante se verá, em fevereiro de 1917, por um levantamento popular largamente espontâneo, a que se sucedeu um complexo processo revolucionário e uma aguda luta pela hegemonia. Dela sairá vencedora a revolução socialista liderada pelos bolchevistas, capaz de responder às magnas questões da Paz e da Terra, como a seguir veremos, e de, por esse caminho, sustentar a larga frente de operários, camponeses e soldados organizados nos soviets. O que permitiu não só levar por diante a revolução nas principais cidades, nas frentes da guerra e nos campos, como defendê-la com sucesso na longa guerra civil que lhe sucedeu.

Em segundo lugar, caberá salientar que a Revolução de Outubro, feita em nome do proletariado, do socialismo, da emancipação do trabalho, ao contrário das que historicamente a precederam, é a primeira que triunfa duradouramente. Desde logo, sobrevivendo à derrota na guerra e às enormes amputações territoriais através da paz de Brest-Litovsk. Depois, vencendo a contrarrevolução interna e a agressão militar dos EUA, das principais potências da Entente e do Japão, numa terrível guerra civil que duraria cinco anos. Dessa imensa convulsão, e profundamente marcada por ela, se ergueria o regime soviético.

Em terceiro lugar, é uma revolução cujo impacto fortíssimo no mundo devastado pela guerra abre uma nova época de revoluções operárias e populares: de levantamentos revolucionários «vermelhos» e de ondas de agitação social proto-revolucionárias especialmente na Europa e na Ásia. Os principais dirigentes do novo poder soviético ligavam o destino e a sobrevivência da revolução russa ao triunfo das



Delegação bolchevique em Brest-Litovsk. Sentados, da esquerda para a direita: Lev Kamenev, Adolf Joffe e Anastasia A. Bitzenko. De pé, pela mesma ordem: V. Lipsky, P. Stučka, Lev Trotsky e Lev Karakhan.

revoluções europeias, em especial da revolução alemã. Na realidade, desde 1918 ao início dos anos 20, sucederam-se quer tentativas revolucionárias armadas, diretamente influenciadas pela revolução soviética, na Finlândia, nos países Bálticos, na Alemanha, na Áustria, na Eslováquia, quer processos radicalizados de greves e agitação social, desde o *biénio rosso* em Itália, à agitação «vermelha» na Catalunha ou até greve geral de novembro de 1918, em Portugal. Em nenhum país as insurreições operárias triunfaram ou sobreviveram, nem as greves lograram transformar-se em processos revolucionários. A «onda vermelha» fora derrotada na Europa. E é no espaço aberto por essa derrota que ocorre um duplo fenómeno de consequências pesadas: desencadeiam-se os processos contrarrevolucionários e ditatoriais que conduziram à época dos fascismos na Europa e triunfa na Rússia a estratégia estalinista do «socialismo num só país» que haveria de ser uma via de liquidação sanguinária do poder soviético saído da revolução.

Em quarto lugar, a revolução e o novo poder soviético vão criar duradouramente um novo campo político e ideológico internacional, inicialmente concebido como a base logística e o farol político e ideológico da pretendida revolução mundial proletária: um movimento comunista internacional materializado organizativa e politicamente, a partir de 1919, na Internacional Comunista (a III Internacional). Até à sua dissolução em 1943¹, ela agrupava e dirigia os partidos comunistas do mundo inteiro entretanto criados (considerados secções nacionais do IC). Na realidade, será, com o estalinismo, transformada num apêndice da política externa da URSS.

¹ Dissolvida em 1943 como forma de apaziguar as inquietações dos aliados ocidentais da URSS no quadro da Frente Mundial Antifascista e da guerra contra o nazi-fascismo, a IC dá lugar, em 1947, em plena guerra fria, ao Cominform. Este já não surge com uma estrutura de um partido internacional centralizado em Moscovo, como a IC, mas sob uma aparência de uma organização de consulta mútua dos partidos comunistas que, efetivamente, assegura a rígida direção do PCUS sobre o movimento comunista internacional (MCI). No quadro do pós-estalinismo e da «coexistência pacífica», também o Cominform é extinto, dando lugar a continuidade dessa mesma hegemonia soviética no MCI de maneira mais informal.

Finalmente, e não seria caso único, a Revolução de Outubro que se mostrara capaz de derrotar o cerco militar internacional e a contrarrevolução, perde-se a si mesma e à esperança emancipatória que carregava por um processo degenerativo interno, autoritário, burocrático, repressivo e sangrento, que o estalinismo consagra e exacerba, mas que se continuará depois dele até desaguar na implosão da URSS e na restauração plena do capitalismo. A própria URSS transformara-se numa sociedade de classes, de desigualdades profundas e de domínio férreo de uma nova oligarquia no plano interno, e numa nova potência imperial no domínio internacional. A revolução, provavelmente impossível sem o papel histórico desempenhado pelo partido bolchevique, sucumbiria às mãos do próprio partido comunista que lhe sucederia.

Dito isto à laia de introdução talvez requerida pela efeméride centenária, podemos analisar em rápida sequência o processo que conduziu aos «dez dias que abalaram o mundo» e que marcaram decisivamente toda a história do século xx.

A RÚSSIA CZARISTA EM GUERRA

A Grande Guerra e a devastação física, humana, económica e social que provoca estendem-se, como não podia deixar de ser, ao domínio do político. O conflito originará a queda dos quatro grandes impérios que nele se envolvem: o alemão, o austro-húngaro, o turco e também o dos czares na Rússia. Mas só neste a palavra de ordem dos bolchevistas e dos socialistas de esquerda – «guerra à guerra!» – lograria transformar a guerra dos impérios numa guerra vitoriosa dos soviets de operários, camponeses e soldados contra o capital e os sucedâneos políticos da queda dos czares. O espetacular regresso de Lenine a São Petersburgo, em abril de 1917, e a mudança de tática política que impõe ao seu partido – as famosas «Teses de Abril» – contribuem, nas condições da continuação de uma guerra enormemente impopular, para os bolcheviques ganharem a maioria nos soviets e partirem ao assalto do poder no «elo mais fraco» em que

a Rússia se tornara. Foi a Revolução de Outubro de 1917 (calendário juliano) ou de 7 de novembro (gregoriano).



Lenine apresenta as «Teses de Abril», no Soviete de Petrogrado, em 1917.

Foram de curta duração a euforia nacionalista e o ardor fanático com que a Rússia czarista se lançou na Grande Guerra, alinhada com as potências da Entente contra os impérios centrais, soprada pelo consenso da «união sagrada» em torno da «defesa da pátria». Ao qual não faltou o apoio dos liberais, dos mencheviques (a ala direita do movimento social-democrata russo) e do partido camponês, herdeiro do populismo russo, que dava pelo nome de socialista revolucionário (SR).

Apesar de alguns ilusórios sucessos iniciais, a falta de preparação, a brutal prepotência da oficialidade, o défice de treino e munição, a incapacidade de poder armar um imenso exército de 16 milhões de soldados (a larga maioria camponeses analfabetos) «dirigidos por uma nobreza cuja arrogância só era equivalente à incompetência», tudo rapidamente degenerou em desastre.

«Desde as primeiras batalhas na ofensiva de Tannenberg, a primeira fila entrou em combate com espingardas e botas, a segunda com espingardas e sem botas e a terceira sem botas nem espingardas.»² A tática das «vagas humanas» fez disparar as baixas que, em 1917, atingiam os quatro milhões de soldados. Faltavam armas adequadas, munições, transportes, oficialidade sintonizada com a guerra moderna, cuidados decentes para os feridos, logística eficaz, respeito pelos soldados.

A REVOLUÇÃO DE FEVEREIRO DE 1917

No outono de 1916 começaram as deserções em larga escala. Para a imensa massa de soldados camponeses a guerra transformara-se numa terrível agonia sem sentido e os seus mandantes, desde logo o czar, o czarismo, a oficialidade aristocrática (muitos deles poderosos terra-tenentes), em inimigos a abater. A situação militar era desesperada: a tropa russa só não fora levada de roldão porque a resistência francesa na frente ocidental impedia o reforço alemão a leste, e a entrada da Itália no conflito, em 1915, agarrava parte das forças austríacas nos Alpes. Mas, nesse ano de 1916, os territórios ocidentais do império czarista economicamente mais relevantes tinham já sido, quase todos, ocupados pelos alemães na sequência de pesadas derrotas militares.

A elas juntava-se o descontentamento generalizado nos centros urbanos e no mundo rural contra os dramáticos efeitos económico-sociais do conflito. A aguda escassez de géneros para os trabalhadores, e mesmo para as camadas inferiores das classes médias, a inflação sem controlo, a especulação, a incúria do governo, os escândalos e a decadência da corte czarista alimentavam a revolta. O redespertar da

² Ottaviano de Fiore, «Guerra Civil. Trotsky e o Exército Vermelho» in, *90 anos. Os Anos da Revolução Russa*, ed. História Viva, S. Paulo, pág 51 e segs.

agitação grevista em 1916 e as manifestações operárias de janeiro de 1917 nas principais cidades russas (em Petrogrado, parte dos soldados fazem causa comum com os manifestantes) prenunciam a tempestade. A 18 de fevereiro³, em Petrogrado, a gigantesca metalúrgica Putilov entra em greve. Quatro dias depois aderem os operários da maioria das grandes empresas. E a 23 de fevereiro, assinalando o Dia Internacional da Mulher, as operárias têxteis descem à rua contra a fome, a guerra e o czarismo. Desencadeia-se então a greve geral política na cidade, desdobrada em manifestações e confrontos com a polícia que a 26 de fevereiro, com o armamento dos operários, se transformam em tentativa insurrecional. Parte da tropa chamada a reprimi-la abre fogo sobre a polícia a cavalo. A 27 de fevereiro há já mais de 60 mil soldados revoltosos ao lado dos trabalhadores e isso decide a sorte da autocracia czarista: os sublevados prendem os ministros e generais czaristas e libertam os presos políticos. A notícia da vitória da revolução em Petrogrado leva, nas outras cidades e na frente, à deposição das autoridades czaristas. Cinco dias consecutivos de luta nas ruas de Petrogrado – de 23 a 27 de fevereiro de 1917 – derrubavam a dinastia dos Romanov: a 2 de março o czar abdica a favor do grão-duque Miguel, que recusa a regência do trono. Atabalhoada e apressadamente, a Duma⁴ forma um Governo Provisório presidido pelo príncipe Lvov que reúne políticos liberais e um deputado aparentado com os socialistas revolucionários moderados, ponte com os movimentos populares, Kerenski.

Decreta-se a amnistia para os presos políticos e exilados e estabelecem-se as liberdades fundamentais. É a fase pacífica da revolução russa que começa.

³ Na Rússia czarista funcionava o calendário juliano que tinha uma defasagem de 13 dias relativamente ao gregoriano, usado no Ocidente e adotado pelo governo soviético em 1918. Neste texto usaremos a datação do calendário juliano, o que vigorava à data dos acontecimentos descritos.

⁴ A Duma (assembleia deliberativa do Estado) era um arremedo de parlamento fruto das tímidas concessões da autocracia czarista após a revolução de 1905.

O DUPLO PODER

Uma das características historicamente essenciais da revolução de fevereiro é que o seu triunfo cria uma situação de duplo poder. Por um lado, os soviets⁵ de operários, soldados e camponeses que tinham reaparecido em força nos dias da revolução e depois dela em Petrogrado, no seu centro vital, mas também nas fábricas, nos bairros, nos quartéis, na frente e nos meios rurais de toda a Rússia. Eram os órgãos de vontade popular, eleitos de baixo para cima e progressivamente coordenados, através dos seus deputados, à escala local, sectorial, regional e nacional. Constituía uma gigantesca organização armada do poder popular vitorioso.

Depositários das aspirações populares à paz e ao fim da guerra, à reforma agrária e à divisão da terra pelos camponeses, ao pão (oito horas de trabalho, salário mínimo, melhoria de condições de vida dos operários), à autodeterminação das nacionalidades subjugadas pelo czarismo, os soviets tinham aceitado, sob influência dos socialistas de direita, maioritários no soviete de Petrogrado e no Comité Executivo dos soviets, entregar o poder ao Governo Provisório. E ainda que não participando inicialmente nele, pretendiam fiscalizá-lo e, se necessário, pressioná-lo no sentido das suas aspirações.

No outro polo, o Governo Provisório, arranjado entre os partidos liberais burgueses e a ala moderada da social-democracia e dos SR. A sua prioridade absoluta era continuar a guerra, rechaçar e vencer os alemães, agora em nome de salvar a revolução democrática (era, como Lenine o designaria, o «defensismo revolucionário»). As reformas que o povo reclamava viriam depois. A tensão evidente que esta estratégia originava face às aspirações populares que os soviets veiculavam só pôde ser arbitrada pela influência

⁵ Soviete: palavra derivada do termo russo «sove't» (*soviet*), que significa «conselho». Os primeiros soviets de deputados operários e soldados surgiram espontaneamente na revolução russa de 1905, reaparecendo na de fevereiro de 1917 e espalhando-se depois, como órgãos de poder popular, por toda a Rússia e na frente de guerra.

preponderante dos mencheviques e SR nos meio populares e nos soviets nos primeiros meses após a queda do czarismo. Os mencheviques eram guerristas e, sobretudo, agarravam-se à concepção etapista da revolução bebida numa certa ortodoxia marxiana segundo a qual, sendo essa a etapa burguesa da revolução, era a burguesia que a devia conduzir, dela resultando um desenvolvimento de forças produtivas e do proletariado que, numa segunda etapa futura, permitiria instalar uma ordem socialista num país atrasado. Na prática, o seu papel seria o de subordinar os soviets às prioridades da nova ordem liberal e, conseqüentemente, à continuação da guerra.

Convém referir que os bolchevistas⁶, sendo vigorosamente adversários da continuação da «guerra imperialista» (sem isso, nenhuma reforma progressista seria possível), mobilizando os operários, os soldados e os camponeses em torno de um programa radical para a paz, pela expropriação e divisão das terras do latifúndio, pelos direitos dos operários e das nacionalidades oprimidas à separação e criticando o caráter «conciliador» da política menchevique-SR, em substância, e até à guinada tática das «Teses de Abril», como veremos, não estavam longe dessa política etapista. Isto é, exigiam a paz, pressionavam criticamente, mas não punham em causa o Governo Provisório, nem a condução da revolução democrática pelos partidos burgueses.

Toda a história da revolução russa neste curto e crucial ano de 1917 se resume a essa contradição essencial: entre a onda crescente das reivindicações da vasta rede de poder popular, em que se cruzam soviets, sindicatos, assembleias, comités, milícias armadas e a intransigência e insensibilidade do Governo Provisório em crescente perda de pé, condicionando as reformas desejadas à prioridade da guerra ou, depois, à reunião de uma futura assembleia constituinte.

⁶ Bolchevistas: ala leninista e revolucionária da social-democracia russa autonomizada como partido em 1912, quando organizativamente se separa dos menchevistas. Os termos «bolchevique» (partidário da maioria) e menchevique (partidário da minoria) exprimiam a relação de forças entre as duas correntes saída do segundo congresso do Partido Social Democrata Russo em 1903.

AS «TESES DE ABRIL» E AS «JORNADAS DE JULHO»

Dois acontecimentos, quase simultâneos, marcam a radicalização deste processo. O primeiro é a chegada de Lenine à gare da Finlândia em Petrogrado, a 3 de abril, regressado do exílio com a sua controversa proposta de uma nova política para o partido bolchevista. São as famosas «Teses de Abril» que, no meio de viva polémica na direção bolchevique, são adotadas pela Conferência Nacional do partido, reunida a 24 de abril.

Basicamente, retomando escritos anteriores e demarcando-se do etapismo ortodoxo dominante, Lenine vem defender que o proletariado russo e os seus aliados deviam tomar o comando da revolução burguesa e transformá-la, num processo ininterrupto, numa revolução socialista. A forma concreta de o fazer seria chamar os sovietes de operários, soldados e camponeses a conquistar revolucionariamente o poder de Estado, em vez de continuar a «pugnar» pela inadmissível e ilusória «exigência» de que o Governo Provisório «deixasse de ser imperialista», pusesse fim à guerra ou cumprisse as suas promessas. «Nenhum apoio ao governo provisório!», «Todo o poder aos sovietes!» são agora as palavras de ordem dos bolcheviques. A revolução socialista estava na ordem do dia e havia que mobilizar e conquistar os sovietes para a tarefa da tomada do poder, única forma que teriam de alcançar a paz, a terra, o pão.

Precisamente, a 20 de abril, uma nota aos aliados do ministro dos Negócios Estrangeiros, P. Miliukov, declarando que a Rússia democrática mantinha os objetivos de guerra do regime czarista, levanta uma gigantesca onda de indignação popular. Cerca de cem mil pessoas, uma enorme massa de operários e soldados, descem as ruas de Petrogrado para protestar contra o Governo Provisório e reclamar a paz. Miliukov é forçado a demitir-se e o novo Governo Provisório tenta reforçar a sua estratégia de neutralização de sovietes, cooperando para o seu elenco, pela primeira vez, deputados do executivo do soviete de Petrogrado numa coligação formal com os mencheviques e

os SR, destes saindo o ministro da Guerra e futuro chefe do governo, Kerenski.

Talvez o aparente sucesso com que se ultrapassa esta primeira crise levasse o novo governo, contra a corrente geral a favor do fim da guerra, a decidir lançar as tropas russas numa «última ofensiva» contra os alemães, a 18 de junho. O desastre era previsível, e quando a notícia chega à capital, a indignação popular explode espontaneamente. Os marinheiros da base de Kronstadt em revolta avançam sobre a capital, e durante o dia 3 de julho as manifestações populares massivas assumem aspetos insurreccionais. Destacamentos de *junkers*⁷ e tropas vindas da frente abrem fogo sobre a multidão e controlam a situação. O governo tem de demitir-se. Mas Kerensky, agora à frente do ministério, responsabilizará o partido bolchevique pela tentativa de um golpe de Estado e por «alta traição»: as sedes e inúmeros jornais bolcheviques são encerrados, pretende-se desarmar os guardas vermelhos, ordena-se a marcha para a frente das unidades militares revolucionárias da capital, vários dirigentes bolcheviques são presos (Kamenev, Trotsky), Lenine é obrigado a passar à clandestinidade.



Alexander Kerensky, último primeiro-ministro do Governo Provisório.

⁷ *Junkers*: soldados cadetes da escola de guerra

O GOLPE DE KORNILOV E A ALTERAÇÃO DA RELAÇÃO DE FORÇAS

Parecia ser o momento certo para a direita mais conservadora, reunida em torno do general Kornilov, desencadear um golpe fulminante: marchar sobre Petrogrado, esmagar os soviets e impor uma ditadura militar. A 25 de agosto, Kornilov lança sobre a capital o 3.º Corpo de Cavalaria. Com uma energia inesperada, respondendo ao apelo dos bolcheviques, os soviets de operários e camponeses preparam-se para ripostar: rearmam-se as guardas vermelhas, mobilizam-se os marinheiros de Kronstadt e os soldados das guarnições revolucionárias, cavam-se trincheiras e enviam-se delegações de soldados ao encontro das tropas de Kornilov que, informadas por elas, se recusam a marchar sobre Petrogrado. O golpe é derrotado, Kornilov e os seus generais são presos. Kerenski, que se dessolidarizara do golpe, e os chefes mencheviques e SR, eles próprios acabaram por se abrigar sob a proteção dos bolcheviques, reconhecendo-os objetivamente como a única força na capital capaz de derrotar Kornilov.



Cadetes desfilam em Moscovo sob o olhar de Kornilov, em agosto de 1917.

Sob a influência destes acontecimentos opera-se, então, uma decisiva alteração da correlação de forças: a maioria dos soviets das grandes cidades (Petrogrado, Moscovo) passa a apoiar o programa dos bolcheviques, o mesmo acontecendo em vários pontos da frente e até no mundo rural. A maioria dos deputados ao II Congresso Pan-russo dos Sovietes (convocados para 24 de outubro) apoia os bolcheviques. Nos campos, os *mujiques* passam à ação, os comités camponeses ocupam e dividem as terras (entre 1 de setembro e 20 de outubro registam-se 5140 conflitos nos campos, em mais de 300 distritos); os soldados, camponeses fardados, sabendo disso e sendo época de sementeiras, desertam em massa da frente e regressam às suas terras, o Exército desintegra-se. Conservadores, liberais, socialistas moderados, passam à defensiva.

Pormenor do ataque a Kronstadt.



A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

O desenlace aproximava-se. Kerenski organiza ainda, a 12 de setembro, um Conselho Provisório da República (o «pré-parlamento») para reinventar um arremedo de legitimidade face à maioria dos soviets agora sob hegemonia bolchevique e convoca eleições para a Assembleia Constituinte. Era uma corrida contra o tempo, mas o tempo esgotara-se para o Governo Provisório.

A 10 de outubro, não sem alguma oposição e controvérsia, Lenine convence o Comité Central do partido bolchevique de que, face à favorável correlação de forças descrita, perante a ameaça de o Governo abandonar Petrogrado aos alemães e com as potências imperialistas envolvidas na guerra entre si, o momento da insurreição chegara. Adiá-la podia deitar tudo a perder. A 24 de outubro de 1917 (6 de novembro), respondendo a uma medida de encerramento do órgão central do partido bolchevique, o *Robotchi Pout (Via Operária)*, e pretextando a defesa da liberdade das organizações populares, o Comité Revolucionário do Soviete de Petrogrado, presidido por Trotsky, ordena a ocupação pelos destacamentos dos guardas vermelhos, pelos marinheiros, pelos soldados das unidades revolucionárias, dos pontos estratégicos da cidade. O estado-maior da revolução instala-se no palácio Smolny, sede do soviets de Petrogrado, onde Lenine chega nessa noite. A 25 de outubro (7 de novembro), a cidade é ocupada quase sem oposição. O couraçado *Aurora* bombardeia o Palácio de Inverno, e nessa noite forças da infantaria revolucionária tomam-no de assalto, vencendo a solitária resistência dos *junkers* e prendendo o Governo Provisório.

O II Congresso Pan-russo dos Sovietes inicia-se no Smolny nessa noite de 25 de outubro (7 de novembro), quando a insurreição triunfa na capital, e, ratificando-a, proclama que o poder passou para as mãos dos soviets e para as suas próprias mãos. A 26 de outubro (8 de novembro) são aprovados os dois decretos-chaves da revolução emergente: o Decreto sobre a Paz, propondo a imediata assinatura de



Couaçado *Aurora*.



um armistício e o início de conversações de paz, e o Decreto sobre a Terra nacionalizando toda a terra, confiscando a propriedade dos latifundiários, da família real e da Igreja, que seriam entregues ao usufruto gratuito dos camponeses e por eles distribuídos pelos seus comitês: o campesinato recebia assim 150 milhões de hectares de terra.

O poder não passou para os soviets nem fácil nem repentinamente. Em Petrogrado haveria ainda confrontos com os cossacos fiéis a Kerenski nos dias seguintes, em Moscovo lutou-se durante vários dias com pesadas baixas para os insurretos e com Moguelev, no Grande Quartel-General dos Exércitos, o general Doukhonine tentou rebelar-se contra o governo soviético e foi morto pelos soldados, sendo o quartel-general desmantelado. O poder executivo foi delegado no Conselho dos Comissários de Povo eleito pelo II Congresso dos Sovietes. O novo governo impunha-se na capital, em Moscovo e em outras cidades apoiado no operariado e nas guardas vermelhas, mas estava cercado por um oceano de ruralidade em ebulição e ao sabor das legiões de milhões de soldados que abandonavam a frente. Os decretos sobre a paz e a terra, precisamente, materializavam uma aliança política e social que, em termos imediatos, assegurava a viabilidade da revolução e do governo dos soviets. O II Congresso Pan-Russo Camponês, reunido em dezembro de 1917, ratificou a Revolução de Outubro e o seu programa. Os SR de esquerda autonomizaram-se e são então integrados no Conselho de Comissários do Povo.

A CONSOLIDAÇÃO DO GOVERNO REVOLUCIONÁRIO. A PAZ DE BREST-LITOVSK

Forte desse apoio e da legitimidade da representação soviética, o novo governo dissolve a Assembleia Constituinte que entretanto fora eleita (e na qual os socialistas não bolchevistas eram majoritários) quando esta se recusa a ratificar os decretos do II Congresso dos Sovietes. A democracia dos soviets impunha-se sobre a parlamentar.

Faltava ainda firmar a paz com os alemães. O armistício fora assinado a 5 de dezembro de 1917, mas as negociações arrastavam-se devido às duríssimas condições que a Alemanha queria impor e porque Trotsky, chefe da delegação soviética, as arrastava na espera da eclosão da revolução alemã. A 5 de janeiro de 1918 há um ultimato germânico com condições draconianas. Os dirigentes bolchevistas dividem-se e segue-se a posição de Trotsky: parar a guerra, mas sem assinar a paz. Resultado: ofensiva alemã quase até às portas de Petrogrado. O ataque é travado, mas os soviets são obrigados a assinar a paz de Brest-Litovsk, a 23 de fevereiro, em condições ainda mais duras: perdem 26% da população do país, 27% das terras férteis, 26% dos caminhos-de-ferro, 75% do carvão e 50% da indústria do ferro e do aço. Salva-se a revolução. Esta, entre 1918 e 1922 ainda teria de travar uma cruenta guerra civil e enfrentar a invasão dos exércitos da Grã-Bretanha, dos EUA, da França, da Itália e do Japão. Para surpresa do mundo inteiro, a Rússia soviética sairia dela vencedora. Mas o preço dessa vitória seria terrivelmente pesado e marcaria definitivamente a natureza do regime que dela emergiria.

